

MULHERES NO RÁDIO CATARINENSE: UM ESTUDO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NA PRODUÇÃO E CONDUÇÃO DE PROGRAMAS JORNALÍSTICOS NAS EMISSORAS DE RÁDIO DO VALE DO ITAJAÍ

Morgana Testoni Fernandes¹
Carlos Roberto Praxedes dos Santos²

Resumo: A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, conduzida pela Universidade Federal de Santa Catarina, constatou que, atualmente, 58% dos jornalistas brasileiros são mulheres (LIMA, 2021). Dados levantados pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), na pesquisa Mulheres no Jornalismo Brasileiro, de 2019, apontam que 86,4% das jornalistas entrevistadas admitiram já ter passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho. O presente artigo examina a participação feminina na produção e condução de programas jornalísticos e em cargos de chefia nas emissoras de rádio de três cidades consideradas sede de regiões imediatas (antigamente classificadas como microrregiões), no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. Foram realizadas pesquisa bibliográfica, a partir de autores como Prado (2012), Lima (2021), Ferraretto (2014), Duby e Perrot (1990), Tavares (2014) e McLeish (2001); e pesquisa documental, além da aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas com repórteres, apresentadoras e dirigentes de estações de rádio da região. A pesquisa conclui que as mulheres ainda são minoria entre os jornalistas de rádio e também estão em situação de desvantagem quando analisados os cargos de liderança nos veículos de comunicação do Vale do Itajaí. No entanto, ainda que as mulheres sejam minoria no radiojornalismo do Vale do Itajaí, a presença feminina tem crescido nos últimos anos acompanhando a ascensão da mulher no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Presença feminina. Radiojornalismo. Vale do Itajaí.

WOMEN IN SANTA CATARINA RADIO: A STUDY OF FEMALE PARTICIPATION IN THE PRODUCTION AND CONDUCTION OF JOURNALISTIC PROGRAMS ON RADIO STATIONS IN VALE DO ITAJAÍ

Abstract: The 2021 Brazilian Journalist Profile survey, conducted by the Federal University of Santa Catarina, found that, currently, 58% of Brazilian journalists are women (LIMA, 2021). However, data collected by the Brazilian Association of Investigative Journalism (Abraji), in the 2019 Women in Brazilian Journalism survey, indicate that 86.4% of the journalists interviewed admitted to having experienced at least one situation of gender discrimination at work. This article examines female participation in the production, conduction of journalistic programs and in leadership positions in radio stations in three cities considered headquarters of immediate regions (formerly classified as micro-regions), in the Itajaí Valley, in Santa Catarina. Bibliographical research was carried out on authors such as Prado (2012), Lima (2021), Ferraretto (2014), Duby and Perrot (1990), Tavares (2014) and McLeish (2001); and documentary research, in addition to the application of questionnaires and semi-structured interviews with reporters, presenters and directors of radio stations in the region. The research concludes that women are still a minority among radio journalists and are also at a disadvantage when analyzing leadership positions in communication vehicles in the Itajaí Valley. However, even though women are a minority in radio

¹ Bacharel em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0021-7103> E-mail: morganafnds@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3773573870520935>

² Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Professor no curso de Jornalismo e no Programa de Mestrado em Gestão de Políticas Públicas da Universidade do Vale do Itajaí (Univali). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9701335366705920> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3145-4120> E-mail: carlospraxedes@gmail.com.

journalism in the Itajaí Valley, the female presence has grown in recent years following the rise of women in the labor market.

KEYWORDS: Female presence. Radio journalism. Itajai Valley.

INTRODUÇÃO

A presença feminina nas instituições de ensino superior e no mercado de trabalho confirma a inserção das mulheres em ambientes que antes eram compostos predominantemente por homens. As injustiças que, historicamente, acometeram as mulheres no mercado de trabalho acentuam situações de discriminação de gênero. A falta de representatividade resulta em dificuldades de ascensão na carreira, presença de mais homens em cargos de poder e assédio no exercício da profissão.

Dados colhidos pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), na pesquisa Mulheres no Jornalismo Brasileiro, de 2019, apontam que 86,4% das jornalistas entrevistadas admitiram já ter passado por pelo menos uma situação de discriminação de gênero no trabalho. Tratando-se de situações de violência psicológica, 83,6% relataram já ter sofrido pelo menos um caso. Em relação aos assédios sexuais, 70,4% admitiram já terem recebido assédios verbais que as deixaram desconfortáveis no exercício da profissão e 70,2% afirmaram, ainda, que já presenciaram ou tomaram conhecimento de colegas sendo assediadas no ambiente de trabalho.

As mulheres foram, durante muito tempo, deixadas na sombra da história. O desenvolvimento da antropologia e da ênfase dada à família, a afirmação da história das 'mentalidades', mais atenta ao cotidiano, ao privado e ao individual, contribuíram para as fazer dessa sombra (DUBY; PERROT, 1990, p. 7).

Prado (2012) aponta para o fato de que os homens sempre foram maioria no radiojornalismo brasileiro, pela quantidade de comunicadores homens em relação à quantidade de mulheres. Ainda que o estudo não apresente dados estatísticos sobre o assunto, identifica-se que os nomes de comunicadores homens são predominantes na obra da autora, que se dedica a traçar um panorama da história do rádio no Brasil.

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro 2021, conduzida pela Universidade Federal de Santa Catarina, constatou que, atualmente, 58% dos jornalistas brasileiros são mulheres (LIMA, 2021). Tais números corroboram a necessidade e relevância de investigar a participação das jornalistas mulheres em todos os espaços a partir dos quais o jornalismo é produzido, assumindo

como premissa que a pluralidade e equidade de gênero são valores caros à prática jornalística. Além disso, investigar a representatividade feminina nos mais diversos ambientes sociais e conferir visibilidade a esses dados contribui para o fortalecimento do debate sobre equidade de gênero no Brasil.

Nesse cenário, o presente trabalho objetiva, de forma geral, analisar a presença feminina no jornalismo de rádio catarinense. Para isso, adotam-se como objetivos específicos: identificar as mulheres que atuam no radiojornalismo em três (Itajaí, Blumenau e Rio do Sul) das cinco cidades-sede das regiões imediatas que compõem a região intermediária de Blumenau, antigamente conhecida como mesorregião do Vale do Itajaí (Itajaí, Blumenau, Rio do Sul, Ibirama e Ituporanga) e investigar as funções exercidas por essas profissionais, além de comparar as presenças masculina e feminina. A escolha destas três cidades se dá pelo fato de serem as que concentram o maior número de emissoras de rádio no Vale do Itajaí e por serem pioneiras na radiodifusão da região: a primeira rádio do Estado (Club AM) iniciou suas operações em 1934 em Blumenau; enquanto Itajaí sediou a terceira emissora de Santa Catarina (Difusora AM, em 1942). Já a cidade de Rio do Sul teve a primeira FM do Vale do Itajaí e uma das primeiras do Estado ainda em 1977 (93FM).

O UNIVERSO DO RÁDIO E AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS

O rádio completou cem anos de história no Brasil em 2019. Registra-se que, em 1919, foram realizadas as primeiras transmissões da Rádio Clube de Pernambuco, em Recife. Entretanto, até 2019, a versão oficial da história era a de que o rádio teve início no Brasil, oficialmente, em setembro de 1922 com as transmissões experimentais realizadas por ocasião da Feira Internacional do Rio de Janeiro (FERRARETTO, 2014).

De acordo com o Ministério das Comunicações, o Brasil possui 3,9 mil emissoras de rádio em FM, 1,2 mil em AM e 4,7 mil rádios comunitárias (BRASIL, 2022). Assim como ocorreu ao longo do tempo, o meio de comunicação está em constante transformação. O rádio representa, por motivos variados, um dos segmentos mais vivos da mídia, destacando-se por sua maleabilidade, entendida como a capacidade de se adaptar a momentos e situações distintos (MOREIRA, 2003).

Estudo da Kantar Ibope Media indica que o consumo de rádio aumentou em 2021 e alcança 80% dos brasileiros. De acordo com o Inside Radio 2021, a região Sul se destaca nesse cenário, com 85% das pessoas declarando-se ouvintes de rádio. Além disso, no país, cada

ouvinte passa 4 horas e 26 minutos ouvindo rádio. Do total de ouvintes, 52% são mulheres (KANTAR IBOPE, 2021). Nesse cenário, recorda-se e compartilha-se da percepção de McLeish (2001), para quem o rádio atua como multiplicador, acelerando o processo de informar a população.

UM MEIO DE COMUNICAÇÃO DOMINADO PELOS HOMENS

A história do rádio brasileiro, catarinense e do próprio radiojornalismo está atrelada a nomes masculinos, embora a mulher estivesse presente desde o início. A filha de Edgard Roquette-Pinto, fundador da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Maria Beatriz Roquette-Pinto, já atuava ao microfone desde o nascimento da emissora, em 1923 (TAVARES, 2014), cerca de nove anos antes da entrada em vigor da Lei nº 13.086, de 24 de fevereiro de 1932, que instituiu o código eleitoral que garantiu o direito das mulheres ao voto.

A luta pela igualdade de direitos, porém, não foi suficiente para igualar homens e mulheres na radiodifusão, sobretudo nas posições de destaque das emissoras de rádio. Embora nas décadas seguintes os direitos das mulheres e a presença feminina nas rádios tenham aumentado significativamente, por muitos anos a sua atuação continuou direcionada pela imposição de restrições, principalmente de cunho moral, e pela falta de reconhecimento de sua legitimidade e de sua competência para trabalhar com determinados temas. Os espaços de maior relevância política, como os noticiários, por exemplo, eram liderados pelos homens. Essas observações indicam que, para efetivamente compreendermos os processos que configuraram historicamente o desenvolvimento do rádio e a sua inserção política e cultural na sociedade brasileira, é preciso aprofundar as análises, superando o reducionismo que se impõe, em particular, no enfoque exclusivamente tecnológico (BETTI; ZUCOLOTO, 2021, p. 8).

Conforme apresentado em Severo e Gomes (2009), nomes como João Medeiros Júnior, em Blumenau; Wolfgang Brosig, em Joinville; Adolfo de Oliveira Júnior, em Itajaí; Ivo Serrão Vieira, em Florianópolis, e Albino Sganzerla, em Joaçaba, são citados como líderes da implantação das primeiras emissoras em Santa Catarina: Rádio Clube de Blumenau, Difusora de Joinville, Clube de Itajaí e Guarujá de Florianópolis.

Casos de comunicadoras femininas que entraram para a história como o da itajaiense Irene Boemer, que atuou por 32 anos com o programa Suplemento Feminino em emissoras de rádio da cidade de Itajaí, como Difusora AM e Clube AM, são raros. Irene foi considerada a dama do rádio itajaiense por décadas.

O cenário atual reflete este histórico predominantemente masculino. A presença masculina é de 80% nas emissoras de rádio de todo Brasil, são 11.182 homens contra 2.284 mulheres trabalhando no meio de comunicação (COMUNIQUE-SE, 2017).

Ainda que a presença feminina no mercado de trabalho em geral tenha aumentado com o passar dos anos, há menos mulheres empregadas do que homens. De acordo com o IBGE, em 1950, menos de 14% das mulheres tinham emprego. Já em 2010, o número passou para 49,9%. Em contrapartida, a participação masculina é de 67,1% (CENSO, 2010).

De acordo com Lima (2021), a partir da pesquisa Perfil dos Jornalistas Brasileiros, o percentual de mulheres em atuação no jornalismo brasileiro é de 57,8%. Tratando-se do veículo rádio, as mulheres são 20,5% dos funcionários das empresas (COMUNIQUE-SE, 2017). As mulheres também correspondem à maioria da audiência do rádio: 52% (KANTAR, 2021). Mesmo sendo maioria na audiência, as vozes masculinas predominam nos microfones e nos bastidores do rádio.

MATERIAIS E MÉTODOS

Considerando a importância de debater questões de igualdade de gênero e, conseqüentemente, construir pontes para um cenário profissional e social mais igualitário, o presente trabalho busca estudar a presença feminina no radiojornalismo catarinense. **Técnicas de Pesquisa:** O artigo se constrói a partir de pesquisa bibliográfica e documental sobre a ascensão da presença feminina e a história do rádio no Brasil e em Santa Catarina. A pesquisa bibliográfica é imprescindível para “conhecer o que já existe, revisando a literatura existente sobre o assunto”, conforme explica Stumpf (2017, p. 51). Já a análise documental “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim” (MOREIRA, 2017, p. 269). **Instrumentos de Coleta de Dados:** Um questionário foi enviado a cada emissora de rádio situada nas três maiores cidades do Vale do Itajaí: Itajaí, Blumenau e Rio do Sul, que concentram o maior número de emissoras de rádio da região. Primeiramente, a intenção foi levantar informações prévias sobre a presença feminina nas emissoras, bem como as funções que elas ocupam. “Questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”, segundo explicam Marconi e Lakatos (2013, p.86). Também é utilizado o método de entrevistas semiestruturadas, ou também chamadas de semiabertas que, conforme Duarte (2017, p.66), “tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão

cobertura ao interesse da pesquisa”. **Participantes da Pesquisa:** Tais entrevistas foram realizadas com profissionais das emissoras de FM das cidades-sede de três regiões imediatas do Vale do Itajaí, em Santa Catarina.

AS EMISSORAS ANALISADAS

A pesquisa analisou as 21 emissoras de rádio FM situadas nas cidades de Itajaí, Blumenau e Rio do Sul, cidades-sede de três das cinco regiões imediatas do Vale do Itajaí, respectivamente. Não foram analisadas, neste trabalho, as emissoras das regiões imediatas de Ituporanga e de Ibirama.

As emissoras pesquisadas foram Rádio 106,7 FM, Band FM, Jovem Pan, Nativa, Clube, Univali, Conceição e Luz do Amanhã, em Itajaí; Menina, Atlântida, CBN, União, Nereu Ramos, 90 FM, Furb, Fortaleza e Massa, em Blumenau; Unidavi, 93 FM, Amanda e Jovem Pan News em Rio do Sul. Destas emissoras, 14 são comerciais, quatro educativas e três comunitárias.

Após tentativas de contato, por telefone e Facebook, não conseguimos retorno da emissora Fortaleza FM. Já a emissora Rádio Clube aceitou responder o questionário, mas a equipe não aceitou gravar entrevista para a pesquisa.

Das 20 emissoras de Itajaí, Blumenau e Rio do Sul em que os questionários foram aplicados, cinco delas não possuem programação jornalística: Nativa, Conceição, Luz do Amanhã, 90 FM e Atlântida. O número representa 25% das emissoras analisadas. Portanto, 15 emissoras possuem programação jornalística (75%). As emissoras Amanda e Jovem Pan News são da mesma rede e contam com o mesmo quadro de funcionários.

A PRESENÇA FEMININA NO RÁDIO DO VALE DO ITAJAÍ

Das emissoras analisadas, sete delas (46,6%) não continham mulheres no quadro de funcionários, sendo as rádios 106,7 FM - Itajaí, Jovem Pan - Itajaí, Menina FM - Blumenau, União FM - Blumenau, Nereu Ramos - Blumenau, Unidavi - Rio do Sul e 93 FM - Rio do Sul. Nestas emissoras, foram identificados 12 profissionais de jornalismo.

Já nas oito emissoras com mulheres integrando a programação jornalística, a presença feminina é predominante, representando 60,06%. Dos 33 empregados destas empresas, 20 são mulheres, enquanto 13 (39,94%) são homens.

Ao todo, a pesquisa identificou 45 profissionais de radiojornalismo, entre homens e mulheres, nas 15 emissoras com programação jornalística. Entre os profissionais, são 25 homens (55,56%) e 20 mulheres (44,44%). A maioria dos funcionários possui formação superior em Jornalismo: 80%. Destes, 18 são mulheres e 18 são homens. Já entre os não formados na área, a proporção é de sete homens para duas mulheres.

IMPRESSÕES DAS MULHERES DO RÁDIO DO VALE DO ITAJAÍ

Camila Boullosa é repórter e apresentadora na Rádio Furb, 107,1 FM, em Blumenau. Camila está há um ano à frente do programa Hora Certa da Notícia com uma hora de duração no período da tarde. Formada em 2011 pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atuou carreira em rádios educativas durante a maior parte da carreira. Dos cinco integrantes do departamento de jornalismo da emissora, quatro são mulheres. A apresentadora relaciona a majoritária presença feminina ao fato de a rádio ser educativa.

Aqui nós, mulheres, somos maioria. Acho que isso é pontual pelo contexto da rádio. Quando paro para ouvir rádios comerciais, eu quase não escuto mulheres. As rádios que tenho ouvido em Blumenau são dominadas por homens. Se aparece mulher na programação, dá uma impressão que elas não têm liberdade ou que estão pedindo e tentando ocupar um espaço. O que é diferente nas rádios educativas (BOULLOSA, 2020)³.

A Rádio Band FM Itajaí, 92,9 MHz, também conta com mais mulheres na redação. A equipe é composta por uma repórter, uma redatora e um apresentador. Greici Siezemel se formou em Jornalismo em 2015 pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no Rio Grande do Sul. Greici atua como repórter há quase um ano no programa Jornal da Band.

Quando cheguei na emissora e fui para o ar percebi uma aceitação muito boa. A maioria das locuções são de homens há muito tempo. Essa troca é muito importante para qualidade jornalística. O respeito é mútuo entre os colegas, sempre tive muita liberdade. O mesmo acontece com as fontes. Ainda sim, já aconteceram situações chatas durante o Carnaval ou Ano Novo, por exemplo, com piadinhas na rua. Mas a

³ Informação concedida por Camila Boullosa por meio de entrevista por WhatsApp em 30 de setembro de 2020.

gente precisa saber agir nessas situações. Não dá pra sair falando o que pensa, porque estamos representando uma emissora (SIEZEMEL, 2020)⁴.

A jornalista Jamile Cardoso, formada em Jornalismo, em 2006, pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali) é repórter na Massa FM em Blumenau. A emissora conta com quatro jornalistas e dois radialistas, destes, são duas mulheres na equipe. Jamile atua na Massa desde 2017 com matérias para o programa Microfone Aberto. A jornalista analisa que os homens sempre foram maioria nas redações.

O rádio tem aquela questão da impostação da voz, de deixar voz mais grave e pensada. Talvez seja por isso que os homens estejam mais à frente dos microfones. Tenho percebido que as mulheres têm ganhado espaço com as reportagens. A mulher também está bastante presente na edição e produção. Na reportagem de rua, certas vezes, encontramos resistência para sermos atendidas por homens de determinados setores. Isso acontece na comunicação em geral, na sociedade, é uma questão histórica. As mulheres são maioria na população brasileira e elas devem ocupar esse espaço. Sabemos que é um processo, demora, talvez seja para a próxima geração, mas temos que trabalhar para que isso aconteça (CARDOSO, 2020)⁵.

Laíde Braghiro é produtora, repórter e apresentadora na Rádio CBN em Blumenau. Formada em 2012 pela Unisociesc, em Blumenau, está há cinco anos na emissora. Dos sete comunicadores entre apresentadores, produtores e repórteres, cinco são mulheres.

Antigamente, as mulheres eram mais procuradas para o entretenimento nas emissoras de rádio. Hoje isso mudou. A presença das mulheres está crescendo, como aqui na CBN. Há pouco tempo os homens eram maioria também aqui na emissora, mas isso está mudando. As mulheres têm sido reconhecidas por seus méritos - porque são detalhistas e dão 100% de si - não porque são bonitas, altas, baixas, parente de alguém ou por indicação. As coisas estão mudando. Ainda há muitas empresas que fazem essa diferenciação, os cargos de liderança e a diferença salarial são um exemplo (BRAGHIRO, 2020)⁶.

Lene Juncek é produtora na Amanda FM & Jovem Pan News Difusora em Rio do Sul. Formou-se em 2017 no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (Unidavi) e está há cinco anos no grupo Difusão Comunicadora. Dos seis integrantes das emissoras, quatro são mulheres. Lene analisa que o cenário de uma cidade pequena é um recorte positivo quanto à igualdade na profissão.

⁴ Informação concedida por Greici Siezemel por meio de entrevista por WhatsApp em 7 de outubro de 2020.

⁵ Informação concedida por Jamile Cardoso por meio de entrevista por WhatsApp em 28 de setembro de 2020.

⁶ Informação concedida por Laíde Braghiro por meio de entrevista por WhatsApp em 6 de outubro de 2020.

A cidade é pequena e todo mundo se conhece. A receptividade das fontes é muito boa. A maioria das fontes (de cargos) ainda são ocupados por homens, mas não temos dificuldades quanto isso. Não há piadinhas de mau gosto, lembro-me de poucas vezes que fui desrespeitada enquanto mulher. Felizmente nosso cenário é bem positivo. O que eu percebo é que, como a nossa equipe é maioria mulher, temos um olhar diferente e mais sensível com os temas que de repente não seriam tão abordados e ligados ao jornalismo por homens (JUNCEK, 2020)⁷.

Lívia Souza é produtora e apresentadora na Rádio Univali. Formada em 2001 pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali), atua na rádio educativa há mais de dois anos. A emissora conta com um coordenador de jornalismo e mais um repórter homem. Lívia relatou já ter passado por situações desagradáveis ao longo dos 19 anos de profissão.

A rádio educativa dá mais espaço para o jornalismo e para as mulheres. A relação com a fonte em geral é boa. Aconteceu já de estar entrevistando um homem e ele subjugar meu conhecimento. Você sente que talvez se fosse um apresentador homem não aconteceria. Já ocorreu também aquelas tentativas de cantada em ambientes muito masculinos. Mas isso tem mudado, os próprios homens têm entendido que isso não é um comportamento adequado. Temos que lidar com isso mostrando que somos inteligentes e sabemos do que estamos falando (SOUZA, 2020)⁸.

AS FUNÇÕES EXERCIDAS

Os cargos e atribuições dos profissionais de radiojornalismo podem ser divididos em repórter, produtor, editor, webmaster e webdesigner, comentarista, chefe de reportagem, coordenador de jornalismo, gerente de jornalismo, gerente executivo e diretor executivo, de acordo com o Manual de Redação da Rede CBN de rádios (TAVARES, 2017).

As principais funções identificadas, entre os profissionais homens e mulheres, foram apresentador (18), repórter (14), produtor (6), redator (4), coordenador (2) e editor (1). Além disso, nove profissionais informaram que acumulam as funções de reportagem, apresentação e produção - destes, cinco são mulheres e quatro homens.

As mulheres são: repórteres (8), apresentadoras (4), produtoras (4), redadoras (3) e editora (1). Entre as profissionais, oito informaram que exercem mais de uma função. Já entre os homens, são: apresentador (14), repórter (6), coordenador (2), produtor (2) e redator (1). Destes profissionais, cinco informaram que acumulam mais de uma função.

⁷ Informação concedida por Lene Juncek por meio de entrevista por WhatsApp em 29 de setembro de 2020.

⁸ Informação concedida por Lívia Souza por meio de entrevista por WhatsApp em 14 de outubro de 2020.

Os homens são maioria entre os apresentadores, representam 77,78% dos profissionais à frente dos microfones. Já as mulheres são maioria na reportagem, representando 57,71%. A pesquisa apontou também que os homens são maioria nas posições de liderança. As duas emissoras que contêm coordenação de jornalismo têm homens ocupando o posto.

ANÁLISE DOS DADOS

Ainda que as mulheres sejam minoria no radiojornalismo do Vale do Itajaí, a presença feminina tem crescido nos últimos anos acompanhando a ascensão da mulher no mercado de trabalho. As mulheres são 44,44% dos profissionais de jornalismo entre as 21 emissoras analisadas pela pesquisa. O número é baixo, considerando que sete emissoras não contam com profissionais mulheres em seu quadro funcional, sendo as emissoras 106,7FM, Jovem Pan, Menina, União, Nereu Ramos, Unidavi e 93 FM.

Já nas rádios onde há mulheres, o cenário se torna mais otimista com a presença feminina representando 60,06%. Nas rádios Amanda, Band, CBN, Clube, Furb e Jovem Pan News, as mulheres são maioria no departamento de jornalismo. Nestas emissoras, a pesquisa identificou uma percepção de maior igualdade de gênero entre os funcionários. Já as entrevistadas das emissoras educativas Furb FM e Univali FM relataram uma percepção de liberdade de fala – em comparação com o cenário das emissoras comerciais, por exemplo.

As seis mulheres entrevistadas identificaram a predominância masculina no cenário do radiojornalismo catarinense e apontaram o fato como uma herança cultural e social. Todas as fontes apontaram a necessidade de mudança deste cenário. As fontes entendem que além da necessidade de ocupação destas funções, há a necessidade de ocupar os espaços de liderança e de lugar de fala. Concluem, ainda, que a presença feminina nestes ambientes colabora não só para a qualidade do fazer jornalístico, como para a o desenvolvimento da igualdade e justiça social.

Os dados levantados pela pesquisa evidenciam a predominância masculina atrás e à frente dos microfones, além dos cargos de liderança. A pesquisa aponta, também, a percepção de necessidade de equilíbrio de gênero entre as entrevistadas. O lugar de fala predominantemente masculino colabora para o contínuo predomínio de ideias masculinas. Com isso, não há diversidade de visões e, conseqüentemente, igualdade entre os gêneros.

CONCLUSÃO

Conforme o objetivo geral da pesquisa, de examinar a participação feminina nos programas jornalísticos das emissoras de rádio do Vale do Itajaí, conclui-se que as mulheres ainda são minoria no radiojornalismo nas cidades de Itajaí, Blumenau e Rio do Sul, cidades-sede de três regiões imediatas que compõem a região intermediária do Vale do Itajaí. As mulheres representam 44,44% dos jornalistas, enquanto os homens são 55,56%. Além disso, sete emissoras, entre as pesquisadas, não continham nenhuma profissional mulher no departamento de jornalismo.

As mulheres que foram identificadas por este trabalho ocupam menos lugares de liderança em comparação com os homens. O número de apresentadoras mulheres é consideravelmente menor do que o número de apresentadores homens. Além disso, nenhuma mulher foi identificada no cargo de coordenação, cargo de liderança nas emissoras pesquisadas. O estudo ressalta a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre a presença feminina nos meios de comunicação na atualidade e na história.

REFERÊNCIAS

ABRAJI. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. **Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. (s/d). Disponível em: <http://www.mulheresnojornalismo.org.br/> . Acesso em: 16 ago. 2020.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi, Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC): 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/221334/PJOR0161-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em 13 Jun. 2022.

BETTI, Juliana Cristina Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 13, 2021. Anais[...] Juiz de Fora/MG: Alcar, UFJF, 2021. Disponível em: https://alcarnacional2021.com.br/?page_id=2228 . Acesso em 12 Jun. 2022.

BOULLOSA, Camila. **Entrevista com a repórter da Rádio Furb FM**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Morgana Fernandes em 30 set. 2020. Entrevista por videochamada. 2020.

BRAGHIRO, Laíde Braghiro. **Entrevista com a produtora e repórter da CBN FM**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Morgana Fernandes em 6 out. 2020. Entrevista por videochamada. 2020.

BRASIL. Ministério das Comunicações. Notícias e Conteúdos: Dia Nacional do Rádio. 17 Mai. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2021/setembro/radio-no-brasil->

[ha-mais-de-100-anos-criando-e-contando-historias#:~:text=Hoje%20s%C3%A3o%20mais%20de%2010,r%C3%A1pida%20e%20access%C3%ADvel%20%C3%A0%20popula%C3%A7%C3%A3o.](#) Acesso em: 13 Jun. 2022.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf> . Acesso em: 08 Ago. 2020.

CARDOSO, Jamile. **Entrevista com a repórter da Massa FM**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Morgana Fernandes em 28 set. 2020. Entrevista por videochamada. 2020.

COMUNIQUE-SE, plataforma de comunicação corporativa Workr, 2017.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

DUBY, George; PERROT, Michelle. **História das mulheres no ocidente - O século XIX**. Porto: Afrontamento, 1990.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: Teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

HANITZSCH, Thomas; HANUSCH, Folker. Does gender determine journalists' professional views? A reassessment based on cross-national evidence. **European Journal of Communication**, Newcastle, v. 27, n. 3, p. 257-277, Set. 2012.

JUNCEK, Lene. **Entrevista com produtora da Amanda FM**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Morgana Fernandes em 29 set. 2020. Entrevista por videochamada. 2020.

KANTAR IBOPE. Estudo da Kantar IBOPE Media indica que consumo de rádio aumentou e alcança 80% dos brasileiros. 20 Out. 2021. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/estudo-da-kantar-ibope-media-indica-que-consumo-de-radio-aumentou-e-alcanca-80-dos-brasileiros/> Acesso em: 13 Jun. 2022.

LIMA, Samuel Pantoja. **Perfil do jornalista 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Rede de Estudos Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ/SBPJOR). Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2021/11/2021-11-12-Sum%C3%A1rio-Executivo-19%C2%BA-Encontro-da-SBPJor-RETIJ-VFINAL-REVISADA-2.pdf> Acesso em 19 Abr. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: um guia abrangente da produção radiofônica.** Tradução de Mauto Silva. São Paulo: Summus, 2001.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Prefácio. In: CUNHA, Márgda Rodrigues da; HAUSSEN, Doris (org.). **Rádio brasileiro: episódios e personagens.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

PESQUISA constata que maioria dos jornalistas é mulher e ganha até cinco salários mínimos. **Federação Nacional dos Jornalistas.** 2 abr. 2013. Disponível em: <https://fenaj.org.br/pesquisa-constata-que-maioria-dos-jornalistas-e-mulher-e-ganha-ate-cinco-salarios-minimos-2/> Acesso em: 27 set. 2020.

PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil.** São Paulo: Editora Da Boa Prosa, 2012.

SEVERO, Antunes; GOMES, Marco Aurélio. **Memória da Radiodifusão Catarinense.** Florianópolis: Insular, 2009.

SIEZEMEL, Greici. **Entrevista com a repórter da Band FM Itajaí.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Morgana Fernandes em 7 out. 2020. Entrevista por videochamada. 2020.

SOUZA, Lívia Souza. **Entrevista com produtora e apresentadora da Univali FM.** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Morgana Fernandes em 14 out. 2020. Entrevista por videochamada. 2020.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

TAVARES, Mariza. **Manual de Redação CBN.** São Paulo: Globo, 2011.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo.** São Paulo: Paulus, 2014.

Recebido: 31 de março de 2023

Aceito: 19 de abril 2023